

PARA ALÉM DO PÃO NU.
DO CONTO “A SANDÁLIA DO PROFETA MAOMÉ”,
DE MOHAMED CHOUKRI

Felipe Benjamin Francisco*

RESUMO: Este artigo propõe uma tradução à língua portuguesa do conto *Na’l annabiyy*, “A sandália do Profeta Maomé”, de Mohamed Choukri. Trata-se da primeira tradução ao português de um trabalho do escritor marroquino feita diretamente do árabe. Pretende-se, assim, reaproximar o leitor brasileiro a um ilustre nome do panorama literário do Marrocos, revelando-lhe seu lado contista. O texto estrutura-se em três partes: i) apresentação do perfil de Choukri e seu estilo; ii) discussão geral sobre as decisões tradutórias adotadas; e iii) tradução do conto acompanhada de seu original árabe.

PALAVRAS-CHAVE: Marrocos; Mohamed Choukri; Literatura árabe; Tradução literária.

ABSTRACT: This article proposes a translation into the Portuguese language of the short story *Na’l annabiyy* (The Prophet’s Sandal), by Mohamed Choukri. This is the first direct translation from Arabic into Portuguese of one of his works. Thus, it intends to reconnect the Brazilian reader to an illustrious name of the Moroccan literary panorama, bringing to light his short story writer side. The text is divided into three parts: i) a presentation of Choukri’s profile and literary style; ii) a general discussion about the translation decisions adopted; and iii) the translation of the work accompanied by its original Arabic edition.

KEYWORDS: Morocco, Mohamed Choukri, Arabic Literature, Literary translation.

Mohamed Choukri (1935-2003) é um escritor marroquino berbere, nascido no povoado de Bni Chiker no Rife. Destaca-se como um dos mais importantes autores modernos do Marrocos, representando seu país no rol de escritores de língua árabe. Tornou-se conhecido especialmente por seu romance autobiográfico *Alhubz alḥāfī* (1982), cujas traduções precederam a publicação do original árabe, tendo sido publicado primeiramente em inglês na tradução de Paul Bowles, em 1973, e em 1980 em francês, na tradução do conterrâneo Tahar Ben Jelloun, a partir da qual se fez a tradução indireta, *O pão nu*, publicada pela editora Brasiliense em 1983. O livro fora proibido no Marrocos durante décadas, de modo que a edição árabe de 1982 foi autorizada em seu país somente após o ano 2000. Atualmente, o escritor é reconhecido nacionalmente e seus trabalhos são facilmente encontrados em livrarias e bibliotecas por todo aquele país.

No romance em questão, Choukri relata o deslocamento forçado da família de sua terra natal, o Rife, rumo a Tânger, empurrados pela fome e pela miséria que assolavam a região no início dos anos 40. Sua infância é marcada pela fome e pela violência experimentadas - tanto nas ruas, como no ambiente familiar, vendo-se obrigado não só a

* Professor de Língua e Literatura Árabe na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Membro do grupo “*Tarjama*: escola de tradutores de literatura árabe moderna”.

CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

trabalhar para ajudar no sustento da casa, mas também a cometer pequenos delitos para sobreviver. Desse modo, sua carreira como escritor só se inicia após a alfabetização tardia, aos vinte anos, muito embora já dominasse com essa idade não só o árabe dialetal marroquino e sua língua berbere materna, o *tarifit*, como também o espanhol e o francês¹.

O contexto em que cresceu o autor influenciou diretamente a temática e o estilo de sua prosa como um todo. A descrição severamente realista de Choukri revela-nos um mundo marginal em que aparecem seres notívagos e marginalizados – prostitutas, alcoólicos e criminosos –, cujas vidas são emolduradas por uma Tânger decadente, mas cosmopolita. Quanto à sua linguagem, revela-se simples e clara, intercalando sequências de períodos curtos com sentenças longas, a fim de aportar reflexões profundas. A respeito do estilo de Choukri, outro renomado escritor marroquino, Mohammed Berrada (1979, p.7), comenta:

Ao contrário da maioria de nós escritores, Mohamed Choukri aprendeu a linguagem das coisas nuas e cruas antes mesmo de aprender palavras “eloquentes”, por isso seu cotidiano permanece como a base, de modo que a escrita se converte, em seu caso, numa espécie de vício que rejeita ser tratada como uma máscara estética ou uma ferramenta de ascensão social.²

Dentre suas obras, estão duas coletâneas de contos: *Majnūn Alward*, “O louco das rosas”, de 1979, e *Alḥayma*, “A tenda”³, de 1985. Desta última selecionamos para este artigo o conto *Na’l annabiyy*, escrito em 1972, que aqui traduzimos como “A sandália do profeta Maomé”⁴.

O enredo do conto se passa no submundo que contextualiza habitualmente a narrativa de Choukri, neste caso, um bordel de ar decadente, mas cosmopolita, que se encontra povoado por prostitutas adoecidas e clientes insaciáveis, todos conectados uns aos outros por laços de amor e ódio. O ambiente marginal contrasta com a falsa atmosfera santa criada por um dos assíduos frequentadores do prostíbulo, o protagonista, o qual planeja ludibriar um estrangeiro, vendendo-lhe uma falsa relíquia atribuída ao Profeta do Islã – prática recorrente em muitos países muçulmanos. O intuito do estelionatário é angariar recursos para manter sua vida de esbórnica às custas da ingenuidade do senhor inglês. Essa união entre o (suposto) sagrado e o profano revela,

¹ O Marrocos apresenta uma realidade linguística multilíngue, sendo suas línguas oficiais o árabe clássico, o francês e o *amazigh* – ou berbere. Esta última divide-se nas variedades: *tamazigt*, *tašəlḥit* e *tarifit*. O *tarifit*, ou rifeño, é uma língua berbere falada no nordeste do Marrocos, na área que se estende de Al Hoceima à fronteira argelina (Francisco, 2019).

² Tradução nossa de Berrada (1979, p. 7).

³ O livro parece ter sido traduzido ao inglês e ao espanhol; porém não tivemos acesso a nenhuma das duas traduções.

⁴ A tradução apoiou-se no texto árabe disponível nas edições de 2000 e 2009, idênticas, embora a primeira seja mais precisa quanto à tradução dos termos em grego utilizados pelo autor em meio ao árabe. Na apresentação do texto original apontamos, quando foi o caso, o que nos pareceu ser erros das edições em árabe.

por meio da descrição realista predominante em seus trabalhos, a crítica contundente de Choukri à hipocrisia da sociedade.

Sobre a tradução

Tecemos aqui alguns comentários sobre o processo de tradução do texto de Choukri, que visou não apenas transpor o seu conteúdo, mas preservar o estilo de escrita em árabe. Para tal, vai-se lançar mão de certos recursos a fim de aproximar o leitor do conto original árabe, bem como ambientá-lo no contexto social em que se passa a narrativa do autor marroquino.

No título do conto “*Na’l annabiyy*”, embora a palavra *na’l* signifique qualquer tipo de calçado, optou-se por “sandália” por condizer melhor com a figura histórica do profeta – em árabe, *nabiyy* – e por adequar-se melhor ao adjetivo “sagrado” que acompanha a palavra em algumas passagens do texto original. Na tradução, explicita-se também o nome do profeta do islã, uma vez que se mantivéssemos apenas “do Profeta” talvez não estivesse claro para o leitor brasileiro que *annabiyy*, “o Profeta”, refere-se a propriamente Maomé. Essa decisão deu-se apenas para o título, de modo a não se adicionar o nome do Profeta nas outras ocorrências do termo ao longo do texto.

Como é do estilo do autor, o texto original é marcado por uma linguagem clara e pouco rebuscada, além de empregar frequentemente períodos muito curtos que conferem à narrativa certa velocidade, isto é, tem-se a impressão de que se está diante de *flashes* das cenas. Por essa razão, a tradução mantém em grande medida a pontuação do original.

A sobreposição de línguas também é um traço particular deste texto, o que nos exigiu o cuidado de não apagar as diferentes línguas (BERMAN, 2007) – o inglês e o grego moderno – presentes nos diálogos dos personagens. Logo, mantivemos os trechos em língua estrangeira, indicando sua tradução em notas apenas quando estas aparecem nas edições árabes a que tivemos acesso, como ocorreu com o grego moderno.

É habitual na literatura árabe moderna que o árabe padrão coexista com o árabe dialetal no texto, embora o primeiro seja sempre predominante. No conto, isso se dá de forma sutil pela alternância do uso das palavras *tūt* e *farāwila* para “morango”, de modo que a primeira – do árabe dialetal marroquino – denota tanto a amora como o morango⁵, ao passo que a segunda é o termo padrão para o pseudofruto. Optamos por traduzir ambos como “morango”, visto que é maior a ocorrência do dialetal *tūt* (8 vezes) em comparação com o uso pontual do padrão *farāwila* (2 vezes). Parece que o autor emprega livremente os dois termos com o mesmo sentido, uma vez que ambos compõem metáforas e comparações com a boca feminina, que por sua vez está associada à cor vermelha ao longo do texto. Embora houvesse outra solução, como inserir na tradução duas frutas distintas de cor vermelha – por exemplo, a framboesa e o morango –, optou-

⁵ *Tūt al’arḍ*, lit. amoras da terra, “*fraises*” (DAF, v. 2, p.109); “*moras, fresas*” (AGUADÉ; BENYAHIA, 2005, p. 148).

se por ser fiel ao sentido, embora tenhamos a consciência do empobrecimento quantitativo causado ao original.

Finalmente, no que se refere a notas explicativas ou históricas, não vimos a necessidade de adicioná-las em grande número à tradução, com exceção do nome de algumas personalidades citadas no texto, a fim de ressaltar elementos externos relevantes à leitura e diferenciá-las dos personagens da narrativa.

A sandália do profeta Maomé

Quanto mais prazer e fantasia, mais dinheiro e malícia. Exausto sim, mas nunca o bastante. Faten aproxima-se: branca feito neve num vidro cor de sangue. Toma um de meus cadernos. Olha-me sorridente. Exclama:

– *Hî! Agápimo*⁶!

Perde-se em meio àqueles que copulam no vazio. São três da manhã. O tédio me aborrece e Umm Kalthum canta:

*Dormir nunca prolongou a vida, muito menos
Encurtou-a aos que passam a noite em claro*

Um cliente negro encontra-se ao meu lado: branco no preto. Toma um dos livros e lê: “Essa liberdade plena possui seu aspecto trágico e pessimista...”. Devolve-me o livro e pergunta:

– De que se trata o livro?

– De um indivíduo asqueroso que não compreende o mundo, atormentando a si e a todos que o rodeiam”.

Balança a cabeça e ergue o copo à boca.

– Idiota.

Vejo Faten escrevendo em uma folha do caderno. Bebo e fumo, pensando em como vender a sandália do Profeta. Corta-se a eletricidade. Gritos de mulheres. Retorna a claridade, gritos de mulheres e homens. Excitado, ofereço mais um copo a Arhimo, pela luz que está de volta. Traz sua boca até mim. O doce derrete em minha boca. Mostra-me a língua marrom, cor de chocolate, um sorriso vermelho. Faten entrega-me a folha azul. Leio: “Rachid, você conhece o amor? Você fala mais sobre o amor do que ama. Quem desconhece o amor talvez encontre felicidade nele mais de quem conhece o amor verdadeiro. O amor não é conhecimento, é sensação, sensação...!”.

Miriam Makeba⁷ canta em voz branca “*Malayisha*”. Escrevo na parte inferior da folha azul: “Faten, você é meu leito vermelho e eu seu cobertor negro. Foi assim que passei a compreender o amor”.

⁶ Arabização do grego moderno αγάπη μου “meu amor”. A nota explicativa da edição mais recente (2009) fornece uma tradução equivocada de ‘*agābīmū* أغابيمو como *ṣabī* “menino”. A edição da *Manšūrāt Aljamal* (2000) fornece a tradução correta para o árabe: *ḥubbī* “meu amor”.

⁷ Zenzile Miriam Makeba, cantora sul-africana, conhecida como Mama Africa, viveu de 1932 a 2008.

CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

Tento encontrá-la: um marinho estrangeiro chupa a ferida que carrega em seu rosto, ela o abraça com uma mão, escondendo o copo atrás de si com a outra. Arhimo entrega-me seu morango. Ofereço-lhe mais um copo. Quanto mais sensação de prazer, mais malícia e fantasia. Uma canção atrás da outra. Novos ruídos e eu pensando como vender a sandália do Profeta. Seria isso estupidez ou confiança da parte do sujeito? Às vezes, sinto vontade de diferenciar estupidez de confiança. Foi ele, ele que inventou essa lenda negra. Ele quer...

Uma mulher negra aproxima-se de mim, branca loira. Estendo-lhe a folha azul, olha-me por um instante, sorri e exclama:

- *Hi! Agápemo. Zoímo*⁸!

Toma a folha azul. Penso nela: essa é capaz de exaurir-me. Olho seus finos lábios como uma ferida que se fechou. Lembro-me do poeta indiano Mirza Assadullah Ghalib: “Aos que morreram de sede, sou lábio seco”. Ela tenta encontrar força numa tristeza profunda. O que me agrada nela é que continua a crer que o mundo não acabou após sua criação.

Arhimo e Latifa estrangulam-se. Miam feito duas gatas. Miriam Makeba canta em voz branca, enquanto Arhimo puxa os negros cabelos de Latifa. Derruba-a no chão. Chuta seu rosto. Latifa grita. O sangue escorre. As cores misturam-se em minha mente. Faten põe a folha azul diante de mim e adianta-se a separar a briga. Leio na folha azul: “É verdade. Cubro minha carne, mas não me sinto devorada. Desejo ser sua mortalha na cova sem volta”.

Vigon⁹ canta em voz branca: “*outside window*”. Amendoeiras florescem em minha mente, um horizonte de neve sem fim, encontro-me detrás da janela, contemplando o vazio que ainda não se preencheu.

Arhimo e Latifa saem do camarim. Fazem as pazes como duas crianças. Abraçam-se aos risos. Dançam sorridentes. Enquanto fumo, estapeio - em minha imaginação - os rostos dos que não me aprazem. Um chute nesse, um tapa naquele, um soco naquele outro. A vitória imaginária acalma-me os nervos. Amanhã venderei a sandália do Profeta. Pergunto a Faten:

- Por que Latifa e Arhimo se desentenderam?
- Arhimo contou ao cliente que bebe com Latifa de que está com tuberculose.
- E ela está com tuberculose?
- Sim, mas assegura que já se curou.

O senhor inglês dizia:

- É o cuscuz mais saboroso que comi até hoje.

⁸ Arabização do grego moderno ζωή μου “minha vida”. No original consta a tradução ao árabe *ḥayātī* “minha vida” com este mesmo significado.

⁹ Abedelghafour Mouhsine, conhecido como Vigon, é um intérprete marroquino de Soul e Blues, que fez fama nos anos 60. Tanto ele quanto Miriam Makeba são negros, dado pertinente para o jogo de cores que se estabelece no texto, sobretudo pelo uso da expressão “voz branca” pelo autor.

CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

Dirigi o olhar à minha avó, que mantinha a cabeça baixa, e disse-lhe:

– O cuscuz é de Meca. A irmã de minha avó envia uma dada medida todo mês.

Olhou-me maravilhado:

– *Fantastic!*

A fim de reforçar a sacralidade envolvendo minha avó, acrescentei:

– Tudo que compramos aqui em casa veio de Meca. Até mesmo as especiarias do cuscuz vêm mensalmente de Meca. Após comer o cuscuz, falei-lhe sobre a carne cozida com passas sem sementes cozida em temperos anestésicos:

– Chamamos este prato de “*muruzia*”.

E murmurou:

– *Ah ha! Very good!*

Minha avó, com a cabeça baixa, demonstra submissão. O inglês come a *muruzia* com um olho no prato e outro no rosto de minha avó.

Suas vestes são brancas, aromas sobem ao seu redor, fragrâncias de perfumes árabes. O silêncio é absoluto. Ela atuou com perfeição, exatamente como a instruí.

Nossa jovem criada trouxe-nos chá em bandeja de prata: trajas brancas, tímida, cabeça baixa, limpa, as mãos decoradas em hena, cabelo negro bem penteado e reluzente, chamativos brincos e gestos delicados. Saudou o senhor inglês fazendo um meneio com a cabeça, sem sorrir, assim como lhe indiquei. O ar de tristeza em seu rosto deixava-a ainda mais bela do que de costume. Escapou-lhe um gemido de prazer e espanto ao provar o chá. Perguntei:

– *It's good the mint tea?*

– *Oh! Yes, very good!*

O chá estava perfumado com âmbar. Um instante de silêncio se passou. Pensei: É chegada a hora de Aladim esfregar sua lâmpada mágica. Levantei-me. Sussurrei qualquer coisa ao ouvido de minha avó. Meras palavras sem sentido. Fez-me um sinal automático com a cabeça. Trouxe a almofada branca e retirei de cima dela o lenço verde bordado com fios dourados e linhas brancas. O senhor colocou-se a contemplar a sandália desbotada. Sua mão estendeu-se levemente em direção à almofada. Dirigiu seu olhar para mim e percebeu em meus olhos o pressuposto de que era proibido tocar a sandália.

– *My God! It's marvelous!*

Cobri a sandália antes de me virar, permitindo-lhe que a contemplasse através do belo lenço translúcido. Girei-me lentamente com cuidado. Apoiei a almofada com o cuidado de quem coloca uma atadura sobre o ferimento. Olha-me de relance, mas se detém longamente na sandália.

No Café Central voltou a insistir pela terceira vez:

– Não é possível então?!

– A questão é muito complicada. Foi muito difícil convencer minha avó que autorizasse que vissem a sandália. Acredite, você é o primeiro estrangeiro que vê a sandália. Acredite, ninguém mais a viu com sua exceção.

– Compreendo. Se quiser podemos chegar a um acordo.

CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

– Sim, mas como posso sair dessa? A sandália é a alma de minha avó. Se a sandália desaparecer, ela pode enlouquecer ou sofrer um ataque do coração. Eu a amo muito e respeito os seus sentimentos pela sandália sagrada.

– Dou-lhe um tempo para pensar. Tente persuadi-la.

– De acordo, mas tentar persuadi-la a vendê-la não é como tentar persuadi-la a mostrá-la.

– Bom, pense num jeito.

– Tentarei, mas creio que seja impossível.

Após um instante, disse-lhe:

– Ouça, estou pensando num modo, mas com uma única condição.

– Qual é?

Hesitei. Então, ele acrescentou:

– Diga-me, podemos chegar a um acordo. O que é?

– Você partirá de Tânger assim que eu lhe entregar a sandália.

– Estou de acordo, ótimo plano.

– Também deixarei Tânger e irei a outro lugar. Não retornarei até que minha avó morra.

– Ótimo plano.

– No meu caso, é impossível permanecer aqui após o desaparecimento da sandália.

– Compreendo bem seu ponto.

– A sandália é sua razão de existir.

– E quanto quer?

– Um milhão de francos.

– Uhh! Não. É uma quantia muito grande.

– Mas adquirirá a relíquia histórica mais bela, ao passo que eu terei que suportar o arrependimento pelo resto de minha vida.

– Eu sei, eu sei, mas isso é muito dinheiro. Dou-lhe meio milhão. Não posso pagar mais que isso.

– Tem que me pagar mais.

– Não tenho condições! Não tenho mais que isso aqui comigo.

– Certo, passe-me seu endereço. Escreverei ao senhor de algum lugar para que me mande o restante.

Entreolhamo-nos seriamente. Imaginei-me dizendo-lhe: Vamos! Responda! Responda logo Mr. Stewart!

– *O.k. It's good idea.*

Ah! Excelente! Excelente Mr. Stewart!

– Onde será nosso encontro amanhã?

– Estarei esperando no hall do hotel Al Manzah.

– De forma alguma. Fora do hotel. E deve levar consigo a passagem comprada assim que lhe entregar a sandália.

– De acordo, entendido.

CRIAÇÃO & CRÍTICA
ESPECIAL

– A que horas?

Refletiu por alguns instantes. Observava-me. Conseguia imaginar-me dizendo-lhe: decida-se logo.

– Às três da tarde.

Levantei-me e estendi-lhe a mão.

– Não ouse avisar ninguém.

– De forma alguma. Eu sei.

– Minha avó não é a única que se preocupa com a sandália. Isso é objeto de preocupação de todos que nutrem respeito por objetos sagrados.

– Eu entendo.

Retirei-me. De longe me girei cautelosamente e o vi levantar-se e sair.

Encontrei-o esperando por mim na porta do hotel. Fingi preocupação ao me aproximar. Olhou para a mala com surpresa. Tinha em sua mão um pacote. Pensei: meio milhão. Quanto mais prazer, mais trapaça, fantasia e cores.

Fiz-lhe sinal que me seguisse. Parei longe do hotel. Cumprimentamo-nos. Olhou para a mala. Por minha vez, olhei o pacote. Abri a mala. Deixei que tocasse a sandália brevemente. Tomou-me a mala e tomei-lhe o pacote. Rasguei uma ponta da embalagem do pacote. Certifiquei-me: meio milhão?

E replicou em voz alta:

– Sim, meio milhão.

– E o endereço?

– Uh! Sim, esqueci, perdoe-me.

Tirou uma caneta e lhe estendi o pacote para que escrevesse nele seu endereço. Certifiquei-me mais uma vez:

– Está partindo de Tânger neste exato momento?

Apontou para um carro estacionado rente à calçada:

– Ali está o carro, aguardando para levar-me ao aeroporto.

Pensei: e eu esta noite estarei no bar de Mesalina.

Sentei em meu canto como de costume. Fumo, bebo e, sem barganhar, adquirei rostos; enquanto isso, escuto a canção “*Hani Hani*¹⁰”. Estou exausto de prazer, mas nunca o bastante. A sensação de satisfação não se completa com uma só mulher. Faten então me disse:

– Arhimo está no hospital e Latifa na delegacia. Embriagou-se e acertou uma garrafa de cerveja na cabeça de Latifa.

Perguntei-lhe sobre duas moças sentadas no canto à minha frente. Respondeu:

– São de Casablanca.

¹⁰ Em árabe dialetal do Marrocos “tenha calma”.

CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

Peguei um de meus cadernos e afastei-me. Apontei para a mais jovem com a mão. Trocou algumas palavras com sua amiga. Bebo e fumo, enquanto isso, aguardo o primeiro beijo de uma moça que jamais toquei.

Seu semblante jovem esmoreceu. Sua boca é como um morango. Ofereci-lhe um copo. Começou a bebê-lo. Seus lábios reluziam. Sua boca vem de encontro à minha. Pensei: morango embebido em gim-tônica e limão. Eva morde o morango silvestre¹¹ e Adão perde-se à sua procura. O morango é que lhe sugere que beije Eva. Adão pode conhecer todas as palavras, mas foi Eva quem lhe ensinou o sentido do beijo.

Dois homens estapeiam-se por causa de uma moça. O mais franzino cai. O jovem mais alto acerta o ar. Um outro segura seu braço por trás. Faten coloca diante de mim a folha azul. Bebo e fumo, enquanto isso, chupo o morango carnudo da boca jovem e pequena. Leio na folha azul: “Não sou quem era ontem. Sei bem o que não consigo expressar. Você tem que me entender”.

O jovem rosto, novo, fez um sinal para o copo vazio. Olhei para sua boca morango. O garçom, distraído, desenha quadrados numa pequena folha branca. Então, disse-lhe:

– Dê mais um copo para ela.

Sua amiga aproximou-se.

– Dê um para a amiga também.

Quanto mais morango e carne humana, mais fantasia e dinheiro. Escrevi na folha azul de Faten: “Não sou obrigado a lhe entender”.

Tânger, 11/1/1972

نعل النبي

مزيداً من اللذة والخيال، مزيداً من المال والحيل. متعب، متعب، لكني لستُ مسروراً: تقترب فاتن: بيضاء كالتلج في علية كالدّم. تأخذ أحد دفاتري. تنظر إليّ باسمّة. تصبح:

- هاي! أعابيمو!¹²

تضيع وسط الذين ينكحون الهواء. الثالثة صباحاً. الملل يُؤثر أعصابي وأم كلثوم تغني:
فما أطال النوم عمراً ولا

قصّر في الأعمار طول السهر

زبون أسود يدنو مني: بياض على سواد. يأخذ أحد كتبي ويقرأ: "هذه الحرية المطلقة لها جانبها المأسوي والمتشائم...". وضع الكتاب وسألني:

- عم يتحدث هذا الكتاب؟

- عن شخص قذر لا يفهم العالم، يزعج نفسه والذين يرافقونه.

هزّ رأسه ورفع كأسه إلى فمه.

¹¹ Traduziu-se *tūt barrī* por “morango silvestre” como está no original. É possível, no entanto, que esse sentido não fosse intencional por parte do autor, visto que a alternância entre o dialetal *tūt* e a forma padrão *farāwila* possa ter resultado no calco da expressão dialetal *tūt l-’arḍ* (lit. amora da terra) - “morango”, pois o adjetivo *barrī* também significa “terrestre, da terra, selvagem”.

¹² كلمة إغريقية معناها “حبي”.

CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

- أنت أحمق.

فاتن أراها تكتب على ورقة من دفترتي. أنا أشرب، أدخن وأفكر في بيع نعل النبي. ينقطع تيار الكهرباء. صيحات النساء. يعود الضياء، صيحات النساء والرجال. أعرض كأساً أخرى على ارحيمو فرحاً بعودة الضوء. تمد لي فمها. تذوب الحلوة في فمي. تمطط لسانها النبي، تمضغ الشكولاته، تضحك ضحكة حمراء. تمد لي فاتن الورقة الزرقاء. أقرأ: "رشيد، هل تعرف الحب؟ أنت تتكلم عن الحب أكثر مما تحب. إن من يجهل الحب قد يجد سعادة في الحب أكثر ممن يعرف حقيقة الحب. إن الحب ليس معرفة، إنه إحساس، إحساس...!".

مريم ماكيبا تغني "مالايشه" بصوت أبيض. أكتب أسفل الورقة الزرقاء: "فاتن، أنت فراشي الأحمر وأنا غطاوك الأسود. هكذا صرت اليوم أفهم الحب".

أبحث عنها: بخار أجنبي يمص جرح وجهها، تعانقه بيد وتريق كأسها وراءها باليد الأخرى. تمد لي ارحيمو توتها. أعرض عليها كأساً أخرى. مزيداً من الإحساس باللذة، مزيداً من الحيل والخيال. لحن تلو لحن، تتوالد الأصوات وأنا أفكر في بيع نعل النبي. أهي غباوة منه أم هي ثقة؟ يصعد علي، أحياناً، أن أميز بين الغباوة والثقة. إنه هو، هو الذي اخترع هذه الأسطورة السوداء. يريد أن...

تقترب مني سوداء، بيضاء شقراء. أمد لها الورقة الزرقاء، تنظر إلي لحظة، تبتسم، تصيح:

- هاي! أغابيمو. زويم¹³.

تأخذ الورقة الزرقاء. أفكر فيها: تخلق المتاعب. أنظر إلى شفيتها الرفيعتين كجرح ملتئم. أتذكر قول الشاعر الهندي ميرزا أسد الله غالب: "للميتين عطشاً أنا الشفة اليابسة". إنها تبحث عن الشوق في حزن عميق. ما يعجبني فيها هو أنها ما زالت تؤمن بأن العالم لم ينته بعد صنعه.

ارحيمو ولطيفة تتخافقان. مثل قطتين تموءان. مريم ماكيبا تغني بصوت أبيض و ارحيمو تقبض على شعر لطيفة الأسود. تطيحها على الأرض. تركز وجهها. تصرخ لطيفة. ينزف الدم. تختلط الألوان في ذهني. تضع أمامي فاتن الورقة الزرقاء وتذهب لتشارك في المفارقة. أقرأ على الورقة الزرقاء: صحيح. أنا أفرش لحمي، لكني لا أحس بالافتقار. أتمنى أن أكون كفذك في قبر بلا بعث.

"فيكون"¹⁴، يغني بصوت أبيض: "أوت سايد وينداو"¹⁵. أشجار اللوز تزهو في ذهني ومدى من الثلج لا ينتهي وأنا خلف النافذة أتأمل الفراغ الذي لم يُملأ بعد.

ارحيمو ولطيفة تخرجان من حجرة الماكياج. تتصالحان مثل طفلتين. تتعانقان ضاحكتين. ترقصان باسميتين. أدخن وأصفع في خيالي تلك الوجوه التي لا تروقي. ركلة لهذا، صفقة لذلك، لكمة لذلك هنالك. الانتصار الخيالي يهدئ أعصابي. غداً سأبيع نعل النبي. سألت فاتن:

- لماذا تخصصت لطيفة و ارحيمو؟

- ارحيمو أخبرت الزبون الذي كان يشرب مع لطيفة أنها مسلولة.

- وهل هي مسلولة؟

- نعم، لكنها تقول بأنها شفيت.

قال الشيخ الانجليزي:

- إنه ألد كسكس أكلته حتى الآن.

نظرت نحو جدتي الحانية رأسها. قلت له:

- إنه كسكس مكة. أخت جدتي ترسل لجدتي كمية منه كل شهر.

¹³ كلمة إغريقية معناها "حياتي".

¹⁴ O original emprega a letra گ para representar o som /g/.

¹⁵ Corrigimos no original o erro tipográfico "وينداو"، que se deu durante a transliteração em árabe da palavra inglesa "window".

CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

نظر إليّ بإعجاب:

- فانتاستيك!

أضفت لأوكد له القداسة التي تحيط بجدتي:

- كل شيء هنا في منزلنا اشتريناه من مكة. حتى هذا البخور يأتي مع الكسكس كل شهر من مكة. بعد الكسكس قلت له عن اللحم المطبوخ بالزبيب بلا بزرٍ والتوابل المخدرة:

- وهذه الأكلة نسميها هنا "المُرورية".

غمغم:

- أهاه! فيري جود!

جدتي حانية رأسها في خشوع. الانجليزي يأكل المُرورية بعين ويأكل بعينه الأخرى وجه جدتي.

لباسها أبيض، البخور يتصاعد حولها، روائح العطور عربية والصمت جليل. لقد أتقنت دورها كما علمتها إياه.

حملت إلينا الشاي خادمتنا الصغيرة في صينية فضية: لباسها أبيض، خجول، حانية رأسها، نظيفة، يداها مخضوبتان بالحنة، شعرها الأسود مشوط جيداً ولامع، قرطاهها كبيران وحركاتها متقنة. حيت الشيخ الانجليزي بهزة من رأسها دون أن تبتسم، كما أوصيتها أنت¹⁶ فعلت. مسحة الحزن على وجهها تُجملها أكثر مما تعودت أن أراها. صدرت منه همهمة لذة وإعجاب عندما ذاق الشاي. قلت له:

- إتس جود ذُمنت تي؟

- أوه! يس، فيري جود!

كان الشاي معطراً بالعنبر. مرت لحظة صمت. فكرت: الآن حانت اللحظة التي يجب فيها أن يحك علاء الدين مصباحه السحري. نهضت. غمغمتُ في أذن جدتي بلا شيء. مجرد كلمات لا معنى لها. هزت لي رأسها دون أن تعرفه. حملت المخدة البيضاء ورفعت عنها المنديل الأخضر المزركش. بأسلاك ذهبية وخطوط بيضاء. تأمل الشيخ النعل الحائل اللون. يده تمتد قليلاً نحو المخدة. نظر إليّ، رأى في عيني ما يفهم منه أن النعل حرام مسه.

- ماي جادا! إتس مافليس.

غطيت النعل قبل أن أستدير لأترك له فرصة تأمله من خلال المنديل الجميل الشفاف. استدرت بحذر وبطء. وضعت المخدة بحركة كما لو أنني أضع ضمادة على جرح. نظرة خاطفة منه إليّ ونظرة أطول للنعل.

في مقهى سنترال أعاد عليّ للمرة الثالثة إلحاحه:

- ألا يمكن إذن!

- الأمر صعب جداً. لقد وجدت صعوبة كبيرة لأقنع جدتي حتى تسمح لك برؤية النعل. صدقتني أنك أول أجنبي يرى نعل النبي. صدقتني أنه لن يراه أحد سواك.

- أنا أفهم، لكن إذا شئت يمكن أن نتفاهم.

- أفهم، لكن ما حيلتي؟ إن النعل هو روح جدتي. إذا اختفى النعل سُجِنَ أو تصاب بسكتة قلبية. إنني أحبها كثيراً وأحترم مشاعرنا نحو النعل المقدس.

- إنني أعطيك وقتاً للتفكير. حاول أن تقنعها.

- أنا أفهم، لكن محاولة إقناعها ببيعه ليست كمحاولة إقناعها برويته.

- طيب، لكن حاول أن تفكر في وسيلة ما.

- سأحاول، لكن أعتقد أنه مستحيل.

بعد لحظة قلت له:

- اسمع، إنني أفكر في وسيلة، لكن بشرط.

- ماذا؟

ترددت. أضاف:

¹⁶ Há um erro de digitação no original. Parece-nos mais coerente: كما أوصيتها أنا، فعلت.

criação & crítica especial

- قل. يمكننا أن نتفق على أي شيء. ماذا؟
- أن تغادر طنجة بمجرد أن أسلم لك النعل.
- طيب، خطة رائعة.
- أنا أيضاً سأترك طنجة إلى مكان آخر. لن أعود حتى تموت جدتي.
- طيب، خطة رائعة.
- يستحيل علي أن أبقى هنا بعد أن يختفي النعل.
- إنني أفهم. أفهم جيداً ما تعنيه.
- إنها تستمد وجودها من النعل.
- أنا أفهم. كم تريد؟
- مليون فرنك.
- أووه! لا. مبلغ كبير.
- لكنك ستستري أجمل تحفة تاريخية، وسأظل أنا نادماً طوال حياتي.
- أعرف، أعرف، لكن هذا مال كثير. سأعطيك نصف مليون. لا أستطيع أن أدفع لك أكثر.
- يجب أن تدفع لي أكثر.
- لا أستطيع. ليس معي هنا أكثر.
- طيب، سنترك لي عنوانك. سأكتب لك من مكان ما وترسل لي أنت الباقي.
- كلانا يتأمل الآخر بجد. قلت له في خيالي: هيا! قلها! قلها بسرعة يا مستر ستيوارت!
- أوكي. إيس جود أيديا.
- آه! رائع! رائع يا مستر ستيوارت!
- أين سيكون لقاءنا غداً؟
- سأنتظرك في قاعة فندق المنزه.
- كلا. خارج الفندق. يجب أن تكون معك تذكرة السفر في الوقت الذي أسلم لك فيه النعل.
- طيب، مفهوم.
- في أية ساعة؟
- فكر قليلاً. تأملني. قلت له في خيالي: قرر بسرعة.
- في الثالثة بعد الظهر.
- نهضت ومددت له يدي.
- إياك أن تخبر أحداً.
- كلا. أنا أعرف.
- إن النعل لا يهم جدتي وحدها، إنه يهم كل الذين يحترمون هنا الأشياء المقدسة.
- طيب. أنا أفهم.
- انصرفت. من بعيد التفت بحذر ورأيتة ينهض وينصرف.

وجدته ينتظرنني لدى باب الفندق. اصطنعت القلق مقترباً منه. نظر إلى الحقيبة بدهشة. في يده لفة. فكرت: نصف مليون. مزيداً من اللذة، مزيداً الخداع والخيال والألوان. أشرت له أن يتبعني. توقفت بعيداً عن الفندق. تصافحنا. نظر إلى حقيبتني. نظرت إلى لفته. فتحت له الحقيبة. تركته يلمس النعل بحركة سريعة. أخذ مني الحقيبة بيد وأخذت منه اللفة بيدي الأخرى. مزقت طرفاً من ورقة اللفة. أكدت عليه: نصف مليون؟

قال بصوت حاد:

- نعم، نصف مليون.
- والعنوان؟
- أووه! نعم، نسيت، أعتذر.

CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

أخرج قلماً ومددت له اللفة ليكتب عليها عنوانه. أكدت عليه:

- ستغادر الآن طنجة.

أشار إلى سيارة واقفة لدى الرصيف:

- السيارة تنتظرنني هناك لتحملني إلى المطار.

فكرت: وأنا سأجد نفسي، هذا المساء، في حانة ميسالينا.

جلست في ركني المعتاد. أذخن، أشرب، أشترى الوجوه بلا مساومة وأستمع إلى أغنية "هاني هاني". متعب من اللذة، متعب، لكنني لست مسروراً. إن إحساسي بالرضا لا يتم نحو امرأة واحدة. قالت فاتن:

- ارحيمو في المستشفى ولطيفة في الكوميسارية. لقد ثملت وضربتها لطيفة بزجاجة بييرة على رأسها.

سألته عن فتاتين جالستين في ركن قبالي. قالت:

- إنهما من الدار البيضاء.

أخذت أحد دفاتري وابتعدت. أشرت إلى أصغرهما بيدي. تبادلنا مع صديقتها كلمات. أشرب، أذخن وأنتظر أول قبلة من فتاة لم أمسها من قبل.

تراخي وجهها الصغير. فمها مثل حبة فراولة. عرضت عليها كأساً. بدأت ترشف من كأسها. تلمع شفاتها. يفتّر فمها في فمي. فكرت: فراولة مغموسة في الجبن - طونيك بالليمون. حواء تأكل التوت البري وأدم يبحث عنها ضائعاً. هو يقترب منها وهي تحاول أن تأكل آخر حبة توت قبل أن يعانقها. أكل آدم التوت من فمها. أوحى له التوت أن يقبل حواء. آدم يعرف الأسماء كلها، لكن حواء هي التي علمته معنى القبلة.

يتضاربان من أجل فتاة. يسقط القصير. يرفس الشاب الطويل الهواء. أحدهم يقبض على ذراعه من وراء. تضع فاتن الورقة الزرقاء أمامي. أشرب، أذخن وأمص التوت اللحمي من الفم الصغير الجديد: أقرأ في الورقة الزرقاء: "أنا لست من كنت بالأمس. أعرف جيداً ما لا أستطيع التعبير عنه. يجب أن تفهمني".

أشار الوجه الصغير الجديد إلى الكأس الفارغة. نظرت إلى توت فمها. النادل يسلي نفسه برسم مربعات على ورقة صغيرة بيضاء. قلت له:

- أعطها كأساً أخرى.

اقتربت منا صديقتها.

- أعط أيضاً كأساً لصديقتها.

مزيداً من التوت واللحم البشري. مزيداً من الخيال والمال. كتبت على ورقة فاتن الزرقاء: "يجب ألا أفهمك".

طنجة في 11-1-1972

Referências bibliográficas

AGUADÉ, J.; BENYAHIA, L. *Diccionario Árabe Marroquí*. Cádiz: Quorum Editores, 2005.

BERMAN, A. *A tradução e a letra: ou o albergue do longínquo*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

BERRADA, Mohamed. *Muqaddimat majmū'at Muḥammad Šukrī: "Majnūn alward": al'ašyā' qabl allkalimāt* (Prefácio à coletânea de Mohamed Choukri: O louco das rosas: as coisas precedem as palavras), *Al'ādāb*, vol.27, p. 6-8, 1979.

CHOUKRI, Mohamed. *Alḥayma* (A tenda). Beirute: Manšūrāt Aljamal, Colônia: Al-Kamel Verlag, p. 109-118, 2000.

_____. *Alḥubz alḥāfi* (O pão nu). 13ªed. Beirute: Dar Al-Saqi, 2015.

CRIAÇÃO & CRÍTICA
ESPECIAL

_____. *Min 'ajl alḥubz waḥdahu: al'a'māl alkāmila* (Apenas pelo pão: obra completa), vol. 3, 1ª Ed, Casablanca: Almarkaz Attaqāfi al'arabī, p. 107-115, 2009.

_____. *O pão nu: a descoberta do mundo e do corpo por um menino marroquino*. Tradução do árabe para o francês e prefácio: Tahar Ben Jelloun; tradução para o português: Jurandir Mendes Craveiro Jr. 2ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

FRANCISCO, F.B. *O dialeto árabe de Essaouira: documentação e descrição de uma variedade do sul do Marrocos*. 2019. 222f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

HAFEZ, S. The modern Arabic short story. Em Badawi, M. *Modern Arabic Literature*. New York: Cambridge University Press, 1997.

PREMARE, A.-L. (org.). *Dictionnaire arabe-français (Langue et Culture Marocaines)* (DAF). Paris: l'Harmattan, 1993.

Recebido em: 10/09/2019

Aceito em: 31/10/2019

Referência eletrônica: FRANCISCO, Felipe Benjamin. Para além do pão nu. Do conto “A sandália do Profeta Maomé”, de Mohamed Choukri. *Criação & Crítica*, p., ago. 2020. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/criacaoecritica>>. Acesso em: dd mmm. aaaa